UM ANJO NUM COPO DE GELO PICADO

De: Chico Ferraz

UM ANJO NUM COPO DE GELO PICADO

INTRODUÇÃO

Este livro é um conjunto de poemas escritos em verso durante os anos de exílio em Cuba. Dele se espera, mais do que qualquer coisa,

que seja lido com atenção e compreensão, não como um conjunto de poemas escritos por um poeta, mas como um conjunto de poemas escritos por um homem.

Este livro é um conjunto de poemas escritos durante os anos de exílio em Cuba. Dele se espera, mais do que qualquer coisa,

1 Quando vive a mesa, vive a Crônica. Abandonando a
 mundo vive por 70 ou 80 minutos, que tanto vale um dia
 de um ano, como de um grande de 70. Depois, não
 vive mais, mas se alimenta com pratos de papel de sua
 cozinha, criando a maravilha e um espírito de
 momento, sempre presente e que o torna como se fosse
 um verdadeiro. Não vive mais, mas vive. Não
 vive mais, mas vive. Não vive mais, mas vive.

UM ANJO NUM COPO DE GELO PICADO

Um anjo num copo de gelo picado. Um anjo num copo de gelo picado.

PERSONAGENS:

BALI - O ditador. É o mais velho. Dirige e atua em cenas
 teatrais que ele mesmo cria. Acha-se genial, mas é um
 grande canastrão.

ÓRE - O louco. Suas ações são imprevisíveis. Atua com
 convicção nas cenas criadas por Bali, a quem teme e
 idolatra.

TANTO - O romântico. É sincero e ingênuo. Encontra-se
 confuso por estar em crise amorosa.

CENA 01

(Quando abre a cena, vê-se a Criação datilografando o roteiro desta peça. Vê-se, também, que Tanto está com cima de um andaime, diante de um aparelho de TV, ligado, mas sem volume, como se estivesse em frente ao espelho de um camarim, tirando a maquiagem e um figurino de comediante antigo. Percebe-se que é uma cena de teatro em andamento. Fora desse plano estão Oke e Balé, representando uma dupla de carcereiros.)

Tanto - ...A arte nasce da dor, como a pérola. ...Ainda existe mistério e fascínio no escuro do palco. Quando a cortina se abre é como se fosse uma mulher louca no momento do parto. Ninguém sabe o que ela pode parir: uma poesia, um desacato à autoridade, uma revolução... Acendem-se as luzes do palco, mas o ator já tem acesa as luzes da sua alma. *(Muda subitamente para um tom colérico.)* Eu já fui aplaudido por reis, por presidentes, pelos donos dos donos. Enquanto eles riam do meu personagem, eu, secretamente, ria do personagem deles. *(Começa a rir, mas é interrompido pelo arto do carcereiro interpretado por Balé.)*

Bali - Dez minutos!

Tanto - Dez minutos? Dez minutos é pouco! É muito pouco tempo para eu me preparar adequadamente. Presinto que algo de muito importante vai acontecer aqui. Não sei ainda o que será. Mas, dez minutos, francamente... *(Volta a olhar para a TV.)* A maquiagem me faz mais jovem. Poucos acreditariam na idade que tenho. *(Desespera-se.)* Oh, Deus! Sou um homem que vive entre o tédio e o óbvio, como as estrelas no céu. Entre o tédio e o óbvio! Sou uma fotografia mal tirada de mim mesmo, do que eu deveria ser e não sou. Entre o tédio e o óbvio! Ou será entre o tédio e o óbito?

Ole - *(Como carcereiro, arisando.)* Cinco minutos!

Tanto - *(Pressionado pelo tempo.)* Certa vez, de madrugada, um desconhecido me parou na rua e me disse assim: " Sei quem você é, e adoro o teu talento. " Disse assim mesmo: adoro o teu talento. E continuou: " Adoro o teu talento, e olhe para mim, estou me sentindo muito, muito infeliz. Quem sabe se voce me visasse uma piada, você sabe tantas. Talvez isso me ajudasse. " Fiquei parado, mudo, olhando-o nos olhos. Achei aquilo divertido.

E ele, em desespero: "Vamos, conte uma piada qualquer, por favor, pelo amor de Deus. Vamos, eu lhe pago, trago algum dinheiro contigo e..." Continuei olhando-o nos olhos, que agora quase lacrimejavam. Pensei comigo: daqui a pouco ele estará implorando por uma piada minha. Talvez ajoelhe-se. Ele, como que adivinhando o meu pensamento, deu-me um tapa no rosto e saiu, desaparecendo na escuridão. Nos olhos daquele homem presentia-se um suicídio. E nos meus também. *(Bali e Ode se aproximam.)*

Bali - Vem, é a tua vez. *(Ode e Bali pegam Tanto, que agora está vestido só com um cueco ridículo, e encenam o ritual anterior à uma execução de pena de morte.)*
Certos homens vivem tão mal, que o pior castigo para eles seria viver para sempre. *(Quando Ode e Bali apontam as armas para o fuzilamento, Tanto interrompe a cena.)*

Tanto - Acho melhor parar por aqui.

Bali - O que houve, Tanto?

Tanto - Eu não sentia o que eu estava falando. Era só o prazer do discurso. Não fazia sentido.

Bali - *(Pega um boneco que está vestido igual a Tanto, segura-o pelo caberinho e inicia uma nova cena, falando com o boneco como se estivesse falando com o próprio Tanto.)* Sentido? Mas a arte não tem que ter sentido.

Tanto - *(Fala para Bali que está de costas para ele.)* Está bem. Só que eu não quero mais ficar fazendo teatrinho, porque isso não vai resolver nada na vida de ninguém.

Bali - *(Ainda falando com o boneco.)* Tanto, você disse que gostaria disto.

Tanto - *(Percebendo que não é devidamente ouvido, Tanto pega o boneco vestido igual a Bali, e entra no jogo, falando com o boneco como se estivesse falando com o próprio Bali.)* Por um tempo sim, Bali. O problema é que fazemos isto o tempo todo. A realidade existe...

Bali - *(Ainda para o boneco.)* ... E é infinitamente inferior a ilusão. A realidade é chata é monótona, é um círculo vicioso. Só fantasiando é que se pode alcançar a felicidade...

Oke - *(Segurando o boteco de si mesmo.)* ... Ou a loucural

Bali - *(Larga o boteco e fala para Oke, como se fosse um diretor de teatro.)* Lindo! Isto foi realmente lindo, Oke. Na hora certa e no tom certo você finalizou a cena: " Ou a loucural"

Tanto - *(Para o boteco de Bali, ameaçando dar-lhe um soco.)* Você está fazendo isto de novo.

Bali - *(Retoma o boteco vestido igual a Tanto e dá-lhe umas bofetadas.)* O que é isto? Quando você tem uma boa atuação eu também te elogio. *(Bebe o boteco.)*

Tanto - *(Larga o boteco e fala direto à Bali.)* Não é disso que eu estou falando. Você sabe que a cena não acabou nesta frase: " ...Ou a loucural ". Acabou antes, quando eu a interrompi.

Bali - *(Falta.)* É mesmo? Juro que eu não percebi. Quando estou representando, fico possuído pelo personagem.

Tanto - *(Irritado)* Você faz isso para confundir, para que eu nunca saiba quando é representação e quando estamos falando à sério. *(Chora.)*

Bali - Oke, dê a sua opinião.

Oke - Não sei bem. Vocês conversavam com os bonecos, e acho que ninguém fala a sério com um boneco...

Tanto - *(Ele descobre)* Mas se foi ele quem começou a falar com o boneco para não ter de me ouvir. Então, para obrigá-lo a me ouvir eu peguei o outro boneco... *(Percebe que é inútil a explicação. Fala para Oke.)* Você sabe disto, e está mentindo. Você mente sempre, sempre. E sempre contra mim. *(Volta a chorar.)*

Oke - Faça um momento de lucidez neste espetáculo: eu sou um louco, o que é muito diferente de ser mentiroso. Porque um louco é um louco. E um mentiroso é um... mentiroso.

Eta: - *(Inquirindo sentir pena.)* Acalme-se. Você não deve chorar tanto por tão pouco, Tanto.

Tanto - Não, não é choro, não. É que eu tenho um cisco na alma.

Ole - Olha, nós te amamos muito. Ah-ilo mesmo.

Bali - Claro. E você tem um pouco de razão, muito de que dizemos aqui dentro é só pelo prazer do discurso mesmo. As palavras perderam a importância. Veja só (Bali analisa a Ole, e se prepara para começar uma nova cena.)

Ole - Não, não é choro, não. É que eu tenho um cisco na alma. Não, não é choro, não. É que eu tenho um cisco na alma. Não, não é choro, não. É que eu tenho um cisco na alma.

CENA 02

(Bali e Ôke assumem novos personagens, que discutem coriçadamente, como numa tribuna, para provar a inutilidade das palavras.)

(Bali, que no período de estagnação a coisa de espanto)
Bali - É inadmissível! Todos nós sabemos que a metafísica é — a — razão — pseudo-analítica — da metamorfose antropocêntrica de um sistema absolutamente radical na sua essência. No fundo do seu ego existe um enigma policrômico, — de — um — conteúdo — profundamente anagramático. A suplementação que sublima esta arte exótico-ecotérica, que transpõe a paranormalidade, permite que se concebam estrelas numa forma plana, como linguagem filosófico-arcáica, tanto no modelo burguês-rústico, como no urbano-esquivo, tudo isto sem contar que as pessoas têm entre as pernas aquela coisinha que, com um pouquinho de esforço, poderia ser o centro do poder no mundo.

(Ôke, repete...)

Ôke - Não concordo! O seu discurso não esclarece a real essência da coisa, e lhe digo que a *salicônica*, sim, a matemática influi diretamente sobre a recessão dos dados estatísticos.

E que a nova ordem económica exige a racionalização
quântica e analítica, sem o efeito burocrático-demagógico
da reintegração político-esquizofrénica do arquivo morto.
Sendo avaliado pela tabela Price, os percentuais graduados
nas escalas topométricas dos espermatozóides do abacaxi,
indicam que no período da estressafra a tábua de valores
do câmbio paralelo realmente atateou que as pessoas têm
entre as pernas aquela coisinha que, com um pouquinho
de esforço, poderia ser o centro do poder no mundo.

(À plateia.) Sabem queridos, a diferença entre eu e um
leão, é que um dos dois não sou eu.

Bali - Discordo! *(Destacase a cena. Fala à Tanto.)* Caviar,
querido? O que se diz não tem importância nenhuma. O
que você achou?

Tanto - Nos falta talento.

Bali - Para fazer teatro não precisa talento. Precisa tá
rápido, rápido...

CENA 03

(Tanto e Bali discutem. Ôle assiste.)

Tanto - Tentei sair daqui, mas a porta está trancada e não existem janelas.

Bali - Assim ninguém nos incomoda.

Tanto - *(Irritado.)* Onde está a chave da porta, Bali ?

Bali - Em lugar seguro.

Tanto - Onde ?

Bali - Não está comigo. Ela foi trancada pelo lado de fora. Alguém a abrirá no momento certo.

Tanto - Então isso significa que...

Bali - Temos tempo e espaço para fazer o que der na cabeça.

Tanto - Você deveria ter nos consultado antes.

Bali - Para quê ? Eu conheço o desejo de vocês. E era isto que vocês desejavam em segredo.

Tanto - Não era isto que eu desejava.

Bali - Você, talvez não. E quanto à ele ?

Tanto - Óke, era isso que você desejava em segredo ?

Óke - Desculpe, mas não me sinto à vontade para falar dos meus segredos em público.

Tanto - Mas você tem que falar.

Óke - E se ele souber mesmo os meus segredos.

Tanto - Eu duvido. *(Para Bali.)* Vamos, conte os segredos do Óke.

Óke - *(Interromtido.)* Não ! E se ele souber mesmo ? Ai você também ficará sabendo, de modo que eu não terei segredos para mais ninguém. Não ? Não !

Bali - (Para Florio.) Via ? Estes em maioria. E como em terra de três, quem tem dois é rei, eu assumo o cargo ao qual estava predestinado. (Pega ao cenário um cobertor velho que lhe servia de manto, um pedaço de pau como cetro, e uma lata velha que ergue sobre a própria cabeça, como uma coroa.) Eu me nomeio rei. (Retira-se altivamente.)

CENA 04

(Tarcio está desanimado. Ôbe ansia.)

Ôbe - Que ele não nos ouça, senhor. Bem, por onde devo começar? Senhor, todos aqueles que desejam conquistar as graças de um rei, presenteariam-no com aquilo que lhes é mais caro: Ouro, cavalos, escravos, pedras preciosas... Desejando, eu também, oferecer o testemunho de minha lealdade e submissão, e não tendo bens materiais dignos de vossos olhos, trago-lhe este livro. Parece um livro comum, não parece? No entanto, este livro contém algo de suma importância. Aqui está descrito as ações dos grandes reis, seus erros e acertos na condução de seus governos. Com este livro o senhor aprenderá como governar. Se bem que julgue esta obra indigna, confio que ela será aceita e lida. Espero que não tome como presunção que um humilde servo venha julgar e estabelecer regras à respeito do trabalho dos reis. Mas assim como aquele que deseja desenhlar a montanha, fica na planície, e para desenhlar planícies, sobe a montanha, para conhecer o caráter do povo é preciso ser rei, e para bem entender o caráter do rei, é preciso ser povo.

Caso gostes dos conselhos contidos neste livro, e se voua majestade, por descuido, um dia venha a olhar aqui para baixo, notará o qual inmerecidamente suportou um grande e continuo infortúnio. *(Aparece Bali. Comporta-se como um rei.)*

Bali - O que o senhor deseja ?

Óte - *(Repetindo o discurso.)* Que ele não nos ouça, senhor. *(Aponta para Tanto, que ainda dorme.)* Bem, por onde devo começar ? Senhor, todos aqueles que desejam conquistar as graças de um rei, presenteliam-no com aquilo que lhes é mais caro: ouro, cavalos, escravos, ...

Bali - Não precisa repetir. Eu estava ouvindo o seu ensaio.

Óte - *(Constrangida.)* Bem, aqui está o livro... O livro... aquele... Bem, é isso... *(Entrega o livro, fazendo securas atrapalhadas. Chove-se fortes batidas na porta. Tanto acorda. Imediatamente começam a representar.)*

(Fim da primeira parte do espetáculo.)

Bali - Cêta l...

Tanto - Será ?

Óke - É difícil saber, no entanto...

Bali - E se...

Óke - Não, não creio.

Tanto - Mas pode ser que.

Bali - Imagine, se fosse, não seria assim.

Óke - E como seria ?

Bali - Sei lá, nem imagino, mas...

Tanto - É, talvez, quem sabe.

Óke - Se pelo menos a gente pudesse.

Bali - Como está sendo possível.

Bali - A gente não pode, já esqueceu ?

Óke - Que...

Óke - Claro que não. Eu só pensei que,

Tanto - Feis pensou errado.

Bali - E se... ? Não, não daria certo.

Tanto - Eu bem que avisei.

Bali - A menos que,

Tanto - Não, assim não quero.

Óke - Você tem certeza ?

Tanto - *(Olha dentro da própria camisa.)* Não !

Óke - É pizza de mussarela ?

Tanto - *(Novamente olha dentro da própria camisa.)*
Também não !

Bali - Então está tudo perdido.

Óke - Quem sabe,

Tanto - *(Desfazendo a conversação. Estufado.)* Que o tédio nos seja leve.

(Tanto volta novamente a trabalhar.)

Óka - De minha parte, retiro tudo o que eu disse, e reafirmo tudo o que calci.

(Óka olha para Tanto e depois para o chão. Depois volta a olhar para Tanto e depois para o chão. Depois volta a olhar para Tanto e depois para o chão. Depois volta a olhar para Tanto e depois para o chão.)

Tanto - Leve para quê?

Óka - Leve para ser leve.

Tanto - Não sabe falar mais nada.

Óka - É, sabe eu não sei falar mais nada.

Tanto - *(Desfazendo.)* Não, não sei nada.

Óka - *(Desfazendo os gestos, sem olhar.)* Não sei nada, não sei nada, não sei nada.

CENA 05

(Tanto tenta conseguir a amizade de Ôte.)

Ôte - Eu pergunto: O que é um louco? E eu mesmo respondo: O louco é um sujeito cujo espírito funciona melhor que a cabeça. E o espírito é completamente livre. À esta liberdade, as pessoas chamam de loucura. Portanto, ser louco é ser livre.

Tanto - Livre pra quê?

Ôte - Livre para ser louco.

Tanto - Mas aqui você está preso.

Ôte - É, mas eu estou louco pra ser livre.

Tanto - *(Desistindo.)* Ah, Jesus Cristo!...

Ôte - *(Abrindo os braços, em cruz.)* Tale bixo, ninguém sabe que eu voltei.

Tanto - *(Sem achar graça.)* Ôke você não é louco. Você deve ter tido uma crise nervosa...

Ôke - Não, o Bali disse que isso é loucura da grossa mesmo.

Tanto - *(Irritado, fica de costas para Ôke.)* Mas que liberdade é essa que sempre tem o Bali por trás. *(Bali, sobre um andaim, pega os braços de Ôke com cordões, fazendo dele um marionete, sem que isso seja visto por Tanto.)*

Ôke - *(Desprotegido e manipulado por Bali, encerra-se.)* Eu não quero falar sobre isso. O Bali é meu amigo. *(Tentando acreditar no que diz.)* É muito meu amigo. Vamos falar sobre outras coisas. *(Bali manobrando os cordões obriga Ôke a realizar uma dança exagerada durante este fala.)*

Tanto - Está bem, vamos falar sobre outras coisas. *(Bali retira os cordões de Ôke.)* Ôke, você tem aspirações ?

Ôke - Isto é o que eu mais tenho: As... pirações. *(Faz o gesto característico.)*

Tanto - Fale sério. O que é que você mais deseja na vida ?

Óke (...) (Fala baixo e rapidamente.)
Eu quero amar e ser amado.

Tanto - Naturalmente, você também quer ser amado. Não ?

Tanto - O quê ?

Óke - Eu quero amar e ser amado. (...)

Tanto - Seja mais claro. (...)

Óke - Eu - quero - amar - e - ser - amado. O que é ? Você é surdo ?

Tanto - (Surpreso e feliz.) Você quer amar ?

Óke - É, é. Amar, você sabe, encontrar um pelinho dela no bigode e guardar no porta - jóias. (Riem.) E você, já se apaixonou ?

Tanto - Já, uma vez. (...)

Óke - É mesmo ? E contra quem ?

Tanto - Uma atriz.

Ôde - *(Admirado.)* Você foi namorado de uma atriz?

Tanto - Namorado, não. Atrizes não tem namorados. Elas têm homens.

Ôde - Você ficou triste. Confessa que você ficou triste.

(Bali, em outro plano de ação, lê o livro que ganhou de Ôde.)

Bali - Os homens poderosos devem ser bajulados ou ofendidos gravemente, e se for o caso, até mesmo eliminados. Não se deve atacar um grande homem com pequenas ofensas, porque destas ele pode se vingar. Daí decorre que a ofensa que se faz a um homem poderoso deve ser tão grande, que não se possa temer vingança.

(A ação volta para Ôde e Tanto. Este tira do bolso um papel amassado, com um poema escrito. Lê o papel à Ôde, que o lê em voz alta.)

1. Como Canto 1 - Não sabemos quem é o poeta, mas

o texto

Oto - Eu, com minha índole de vagabundo
pedi à lua que não deixasse o sol
amanhecer o mundo.

Tanto - Não, não é este. *(Pega outro papel no bolso,
confere.)* É este aqui. *(Ele mesmo o lê.)*

Quando você roubou minha alma

fui cúmplice no assalto.

Havia calma, paixão...

Mãos ao alto!

É minha vez de roubar tua chama.

Ea sei

Você é digna de um estupro,

de um arroubo,

Digna de um beijo no asfalto.

Oto - *(A plácida, respirando.)* Como dizia o poeta:

A poesia é o raro da linguagem

Ainda que raras

É um vampiro que se alimenta de olhares

(Para Tanto.) - Você escreveu muitas coisas assim para
ela?

Tanto - Dezenas, em milhares, estão para fazer uma
sua vez. Eu quero ver o sol na vida dela. Eu preciso.

Ôke - Você não vê que escrevendo coisas assim, você
corre o risco de ser confundido com uma pessoa sincera.
(Tom de segredo.) E ser sincero significa manter sempre
uma atitude honesta diante dos fatos. Ai, o boato se
espalha, e mesmo que você tente esconder, todos que vão
saber que você é uma pessoa... sincera. Abra os olhos. Ser
sincero é muito perigoso.

(Bali, no outro plano, lendo o livro.)

Bali - Deve-se eliminar o poder dos fortes, sem, contudo,
aumentar o poder dos fracos. Quando dois senhores
poderosos se unem para combater o rei, este deve
provocar uma briga entre eles, para que se separem, e
possam ser combatidos em separado. Dividir, para
conquistar. *(Olha para Tanto e Ôke e repete a frase com
segundas intenções.)* Dividir, para conquistar.

(Ôke e Tanto, no outro plano.)

Tanto - Eu morria de ciúmes dela. Eu sabia que ela saía
com outros homens, e isso me enloquecia.

Resolvi comprar um revólver, pronto para fazer uma besteira. Eu queria ser o único na vida dela. Eu pensava: Fô, ela é tão linda. Não é justo que só eu a possuía. Isso era o que eu pensava. O que eu sentia era um ciúme shakespeariano. E os homens que saíam com ela eram tão bonitos, que dava até vontade de... dava vontade de... Bem, certa vez ela desmarcou um compromisso importante comigo. Fiquei desconfiado. Coloquei o revólver no bolso, e fiquei espionando a casa dela. Não demoreu muito e parou um automóvel luxuoso. Dele desceu um homem alto, elegante. Depois que ele entrou na casa, eu fui me esgueirando até a janela do quarto dela. Ali eu vi os dois tirando as roupas. O ódio foi subindo a cabeça, a boca reseceu, e minhas mãos tremiam. O coração disparava enquanto eles faziam amor. Eu fiquei olhando... as lágrimas caíam na calçada. Então aconteceu uma coisa estranha, difícil de explicar...

Ôte - Explica ! Explica !

Ôte - Explica ! Explica !

Tante - Ôte, se você não quiser, vou até a polícia...

Tante - Bem... Eu comecei a ficar...

Ôte - Fala ! Fala !

Tanto - Eu comecei a ficar excitado ! Uma excitação selvagem ! Minha cabeça rodava, os pensamentos se misturavam: ciúme, dor, desejo, ódio. E eu ali, excitado, e emvergonhado por estar excitado, peguei o revólver, e apontei pra minha cabeça, e disse: Vou me masturbar ! !

(Bali, no outro plano, lendo o livro.)

Bali - A fidelidade do povo é conseguida quando o rei descobre uma maneira pela qual faz com que todos as cidadãos dele precisem. O mal deve ser feito todo de uma vez, para que o tempo apague-o rapidamente. Já o benefício deve ser dado aos poucos, para que seja melhor apreciado pelo povo.

(Ôte e Tanto, no outro plano.)

Ôte - Continua ! Continua !

Tanto - Olhei de novo pela janela. Você não vai acreditar no que eu vi.

Ôte - Acredito, sim ! Acredito, sim !

Tanto - Eu vi o sujeito batendo nela. Pensei: Meu Deus, esse canalha está batendo na mulher que eu amo. Vou entrar lá e quebrar a cara dele. E, aproveitando a ocasião, quebro a cara dela também. Foi então que eu comecei a gargalhadas. Erau dela. Ela apanhava e ria. Ou seja, ela estava gostando daquilo. Saí dali correndo. Fui para um bar. Pensei, conformado, tranquilo, ingênuo e doce: Agora fodeu tudo !!! Não tem mais jeito, vou me matar.

Óke - E você se matou ?

Tanto - Não, idiota. Comecei a beber. Um sujeito se aproximou e começamos a conversar. Era o Bali. O meu dinheiro acabou, mas ele disse que pagaria a conta. Bebi até cair. Quando acordei estava aqui. E você ?

Óke - Eu, o quê ?

Tanto - Como veio parar aqui ?

Óke - Eu estava internado no Hospício Municipal, e o Bali trabalhava lá. O lugar era um inferno.

Os funcionários ganhavam pouco e resolveram fazer uma greve. O Bali, inteligente, foi trabalhar. Ele queria ser promovido, ir pra outra repartição melhor. Mas o pessoal da greve conseguiu o que queria. E passaram a desprezar o Bali. Foi aí que eu me aproximei dele. Por solidariedade. Ele também era desprezado pelos que o desprezavam. Tanto pressionaram, que o Bali pediu demissão. Como ele tem coragem e bom coração, ele me ajudou a fugir de lá. Graças a ele, hoje eu sou livre. Livre como um anjo num copo de gele picada.

Clá - O que levou para você ir pra África, que eu por não saber da história, sei que o Bali se juntou ao pessoal e resolveu greve, que foi isso de lá?

Bali - Sim, né?

Clá - Certo.

Bali - Não, não.

Clá - Que coisa.

Bali - Não, não.

* CENA 06 *

(Passagem de tempo. Tanto está irritadíssima. Bali e Ôke entram e começam um show de humor, tentando alegrá-la.)

Bali - Well, well. São exatamente nino o'clock e quarenta e cinco clióquinhos. Vamos começar ! Senhoras e senhores, o nosso grupo de teatro tem o prazer de apresentar: " O nosso grupo de teatro ".

Ôke - O que temos para dizer é tão óbvio, que só por este motivo já merece ser dito. *(Bali se fantasia de médico e examina Ôke, que faz cara de doente.)*

Bali - Seu nome ?

Ôke - Ôke.

Bali - Idade ?

Ôke - Um tanto.

Bali - Sexo ?

Ôke - Não, obrigado.

Bali - *(Irritada.)* Sexo ? *(Ôke está dentro da própria calça, aranha, e faz um sinal de mais-eu-merda.)* Alguma doença ?

Ôke - Tenho dor no pâncreas.

Bali - Pâncreas ? Onde é que fica isso ?

Ôke - Entre a Etiópia e o Marrocos.

Bali - Não entendi.

Ôke - Para um bom entendedor me... pi... lá.

(Olham para Tanto. Como ele não está achando graça, mudam o aspecto.)

Bali - Um pouco de filosofia Oriental. *(Imitando um chinês.)* Achar petróleo é muito bom, menos quando se está morrendo de sede no deserto.

Óke - *(Também imitando um chinês.)* A lê remove montanhas, mas se você tiver um trator ajuda bastante.
(Tanto continua desinteressado. Afudam o esqueleto.)

Bali - Um momento de poesia:

Camões, grande poeta português,
exagerava mais com um olho
do que nós com todos os três.

Óke - *(Com ar poético.)*

Um casal de colibris na janela.
Ele, já... nela.

(Percebem que Tanto permanece apático. Bali pede à Óke que saia, e tenta uma aproximação científica.)

Bali - Oi !

Tanto - O que você quer dizer com isso ?

Bali - Me chamou ?

Tanto - Não! *(Tanto se aproxima e sussurra para Bali.)*

Bali - *(Olhando para o alto.)* Foste tu, Senhor?
(Subitamente, coloca o ouvido na parede.) Tanto, você
ouvriu isto?

Tanto - Como é?
(Tanto olha para Tanto.) Que importância tem a
palavra que se palavrava não tem importância nenhuma.

Bali - Não sei, não descobri ainda.

Tanto - *(Desapertado.)* Você está tentando descobrir nada.

Tanto - Você disse ouvriu.

Bali - Não! *(Bali se aproxima de Tanto e sussurra para Tanto.)*
(Bali olha para Tanto.)

Tanto - Tem certeza?

Tanto - Eu não sei, não descobri nada que me mostre nada.

Bali - *(Olhando dentro da própria camisa.)* Não!

Tanto - É pizza de mussarela?
(Tanto se aproxima de Tanto.) *(Desapertado.)*
(Tanto olha para Tanto.)

Bali - *(Olhando, novamente, dentro da camisa.)* Também
não! *(Pega um estênoscópio e ausculta a parede.)* Ah,
agora escou ouvriudo!

Bali - *(Olha para Tanto.)* *(Bali olha para Tanto.)*

Tanto - *(Bravo.)* Repete ! Repete esta palavra !

Bali - Pra quê ?

Tanto - Você disse *ouvirindo*.

Bali - E se eu tivesse dito ? Que importância teria ? Já falei que as palavras são sem importância nenhuma.

Tanto - *(Desistindo.)* Você está tentando me atrair para o seu jogo idiota.

Bali - Não tenho culpa se você ouve coisas que os outros não ouvem.

Tanto - Eu não estou ouvindo nada que os outros não ouvem.

Bali - *(Cala, novamente, o ouvido na parede.)* Engraçado, agora eu também não.

Tanto - *(Bravo.)* Pare com esse jogo !

Bali - Que jogo ? Quem lhe deu tal idéia.

Tanto - (Entrando ao jogo) Ninguém. (Sai daí, satisfeito) Adônis ! (À plebeia) Sabem queridos, certas pessoas são como cebolas, embaixo de uma casca, tem outra casca, e embaixo desta, mais uma e mais uma. E no meio, nada. E nos fazers chorar.

Tanto - De onde saíramos, sempre fomos que não saí, tanto sabemos, (...) (Saem para trás)

Adônis - (...) (...)

CENA 07

(Tanto e Óke conversam. Tanto já mostra pequenos sinais de loucura, com algumas reações parecidas com as de Óke.)

Tanto - De onde apareceu aquele livro que ele com tanto interesse ? *(Aponta para Bêli, que está no plano elevado.)*

Óke - Eu não sei de nada. *(Ele não parece se preocupar com a possibilidade de alguma coisa acontecer com ele.)*

Tanto - O que será que passa na cabeça dele ? *(Não parece nem se importar com a possibilidade de alguma coisa acontecer com ele.)*

Óke - Isso só ele sabe. Ele conhece nossos segredos, mas nós não conhecemos os dele. Por isso ele é o rei.

Tanto - Ele só é rei porque nós deixamos que ele seja.

Óke - Epa ! Espera aí ! Isso é conspiração ! *(Tanto e Óke conversam. Tanto já mostra sinais de loucura, com algumas reações parecidas com as de Óke.)*

Tanto - Óke, isto é como se fosse uma peça de teatro. Nós fingimos ser súditos, e aceitamos que ele brinque de ser rei.

Óke - Porque você não fala isso em voz alta, se você tem coragem para tanto, Tanto ? *(Tanto vai gritar, mas Óke impõe a sua boca.)* Você quer ser galhofinado por conspirar contra a coroa real ? Os espões do rei estão em todos os lugares.

Tanto - Onde é que você está vendo espão ? Só estamos nós três aqui.

Óke - E se estiverem disfarçados, ouvindo tudo o que estamos falando ? *(Tanto, com sinais de perseguição, assusta-se com a possibilidade de estarem sendo espionados. Corre-se as batidas na porta. Tudo para por um momento. Bali desce do seu trono improvisado.)*

Bali - O que é que vocês estão cochichando ?

Óke - Ora, que bobagem majestade...

Bali - Compreendo, vocês tem segredos para o seu rei. Saiba, senhor Óke, que tenho meios de fazê-lo falar.

Depois de apertá-lo com duzentas chibatadas, jogar óleo fervendo sobre sua pele, arrancar as suas pálpebras para que o senhor nunca mais possa dormir, enfiar alfinetes embaixo de suas unhas e arrascar a sua língua, aí o senhor falará !

Óke - Será difícil falar alguma coisa depois de ter a própria língua arrancada, senhor, no entanto, como bem sábio que sou, me esforçarei ao máximo...

Bali - (*Pequeno Óke pelo colarinho.*) Cale-se ! E fale !

Óke - Decida-se, senhor, fale ou me cale ?

Tasto - Fale, Bali ! Você está machucando ele !

Bali - E você está estragando uma bela cena, idiota ! Não é, Óke ?

Óke - (*Assustado.*) Sim, você está estragando uma bela cena, idiota !

Tanto - *(Entrando no jogo, para poder salvar Óbe.)* Sinto muitíssimo, majestade, gostaria de pedir clemência para o meu amigo, pois ele não sabe o que diz. E a bondade que habita no coração de um rei deve ser usada para perdoar os pobres de espírito.

Bali - Pois bem, eu o perdoo. *(Solta Óbe e fala a plática.)* Sabem queridos, por mais estranho que possa parecer, eu sempre me esforço para parecer o mais estranho que eu possa parecer.

Tanto - Agradeço-lhe.

Bali - Senhor Tanto, espero que não se arrependa de defender este doído. Será que é mesmo doído alguém que escreve um livro sobre como governar?

Óbe - Majestade, isto era um segredo que não deveria ser revelado.

Tanto - *(Alé, irritado.)* Agora está tudo explicado: o misterioso livro que você lia, foi escrito pelo débil mental. Agora está explicado como podes governar tão mal.

(Continuará vindo até o final desta cena.)

CENA 08

(Passagem de tempo. Tanto rubrica alguma coisa num papel. Ôke se distrai com alguma bebida. Bali entra.)

Bali - *(Em tom grave.)* Senhora, tenho algo importante para lhes comunicar: eu sou o rei, e representante de Deus nesta vasta extensão de terras. Mas, mesmo com tanto poder, o seu rei tem um problema. *(Assume um tom queixoso.)* A solidão do poder está me matando. O que eu quero dizer é que... Bem, eu sinto a falta de vocês, da conversa de igual para igual. Resumindo eu quero dividir o poder com vocês, meus súditos leais. Assim sendo, fizci a partilha dos cargos mais importantes do meu reino. Ajoelhem-se ! *(Ôke obedece prontamente. Tanto permanece em pé, recusando-se a entrar no jogo.)* Para Ôke eu reservei o cargo de Vice-rei, com todos os direitos que o cargo lhe confere. Para tanto...

(Tanto ajoelha-se e cumprimenta o rei com um beijo na mão. Bali se levanta.)

Tanto - Sim ? *(Tanto olha para Ôke e volta a rubricar.)*

Bali - Para tanto, preciso que você, Ôke, entenda que, como Vice-rei, terá o encargo de substituir o rei quando ele estiver ausente, zelando pelo bem-estar do reino, etc. e tal.

Ôke - Oh, estou rindo de emoção, quase lá! *(Canta e dança)*

Tanto - Que palhaçada! *(Tenta cantar, mas desanima)* E o que

Bali - Não, não fale. Também tenho um cargo honroso para você, caro amigo. Você terá a função que é a base de qualquer reinado: Eu te nomeio povo. E como povo, você deverá trabalhar, pagar impostos, etc. e tal.

Tanto - *(Sem graça)* Mas eu já sou povo. Como é que posso ser nomeado para um cargo que já ocupo? Seria como nomeá-lo para ser o rei.

Bali - Que ótima idéia! Eu não havia pensado nisso. Dai eu seria rei-rei. E você povo-povo, ou bi-povo. E o Ôke seria Vice-Vice-rei-rei.

Ôke - *(Cantando e dançando em ritmo de samba. Bali o acompanha)* Vice-Vice-rei-rei! Vice-Vice-rei-rei!

Bali - *(Ao perceber o desânimo de Tanto)* Ah, eu sinto tanto, Tanto. Mas nós somos apenas três. Alguém tem que fazer o serviço sujo por aqui.

(Óbe tenta puxar Tanto para a dança, mas este, encolhido, tenta estrangulá-lo. Bali, animalíssimo, permanece ambulando.) Dividir, para conquistar ! É o que diz o livro !

Tanto - *(Ainda estrangulando Óbe.)* Eu te odeio, Óbe !

Bali - *(Tirando a espada da cintura.)* Já chega ! Solte-o, vamos ! Eu ordeno que você largue a garganta do meu Vice-Vice-rei-rei. Solte-o ! Ou eu te decapito.

(à plateia.) Ou decapito ? Decapito ou decapito ? Não importa. Solte-o ! Ou sentirá a fria lâmina da minha espada, seu filho de militar com normalista !

Tanto - *faz-se majestade:* Se eu mato o idiota, e o senhor me mata, Vossa Imbecilidade vai reinar sobre quem ?
(Começa a chorar.)

Bali - *(Tirando as roupas de rei.)* Conforme-se, Tanto. Nós somos a tua família. Aqui é o teu lugar: um verdadeiro teatro !

Tanto - Isto é uma prisão !

Bali - *(Tempa os convidados, fecha os olhos e canta.) É um teatro, é um teatro...*

Tanto - Ah, é ? E cadê o público ? *(Tudo pára por um instante. Bali e Tanto fitam a plateia. Depois de um pequeno momento de estranhamento, retomam a cena.)*

Bali - É um teatro ! E nós estamos aqui fazendo teatro, para escapar da loucura, ou ter desculpa para ela. Não me culpe pela tua situação. Não fui eu quem escrevi este texto. Eu só estou nessa vida pelo cachê ! E, pior: este texto nem é original, tem várias frases copiadas de outros autores. Nada é original ! Nossas melhores idéias foram roubadas pelos nossos antepassados. Conforme-se, portanto. Pois vamos ficar aqui até que a morte nos separe ou coisa pior aconteça. Isto assim, parece loucura. E é exatamente o que é.

Tanto - Desista disso !

Bali - Não ! Menor que o meu sonho eu não posso ser.

(Ouve-se latidos na porta. Ela se abre, projetando uma luz sobre o ambiente, enquanto uma forte ventania invade o palco.) Via ? Conforme eu prometi

(Tanto começa a tirar Aguirre e arrumar a mala.) Olha, nós vamos juntos, para que você não se sinta solitário. Mas é o último favor que nós vamos lhe fazer, ouviu ?

Tanto - Não ! Não quero ! Eu desisto de vocês.

Bali - *(Irrita-se.)* Você desiste ? Nós é que desistimos de você, seu fracassado. Um sujeito que vive chorando pelos cantos por causa de uma atrizinha vagabunda... *(Tanto tenta atacar à Bali. Ôle o detém. Tanto pega as suas costas e vai saindo. Bali se joga aos seus pés, tentando impedir-lhe a passagem, imitando uma cena patética.)* Não parta, filho meu, não parta ! Eu estou muito doente. Só você poderá nos vingar, lutar contra aqueles que mancharam a honra de nossa família e profanaram nossa casa. Pela memória de tua mãe, não parta ! Teu irmão é muito novo para vingar-nos, e, além de tudo, ele é um débil mental. Fica, estimado filho. Eu te imploro ! *(Tanto olha para Bali com paciente desprezo. Antes de sair, faz um gesto de carinho para Ôle, que lhe responde com um sorriso. Tanto finalmente sai.)* Isto, foge ! É bom o teu castigo. Ir saindo, assim, nem tão depressa que pareça covardia, nem tão devagar que pareça provocação ! Vai ! Eu já estou acostumado com a ingratidão. *(Chora.)*

Ôle - Calma, Bali. Nós encontraremos um outro.

Bali - Mas este já é o terceiro que nos escapa. *(Começa a desmontar o cenário, lentamente.) É assim mesmo. A arte nasce da dor, como a pérola... Ainda existe mistério e fascínio no escuro do palco. Quando a cortina se abre é como se fosse uma mulher louca no momento do parto. Ninguém sabe o que ela pode parir: uma poesia, um desacato à autoridade, uma revolução... Acendem-se as luzes do palco, mas o ator já tem acesa as luzes da sua alma... (Sobe a música, encobrendo a fala.)*

- FIM -